

# Na imprensa da Europa, um tom de simpatia e emoção contida

por Tom Camargo  
de Londres

As desventuras brasileiras e seus dois principais atores ocuparam ontem as primeiras páginas de quase todos os mais importantes jornais europeus.

Tancredo Neves e José Sarney mereceram grandes fotos no alemão *Die Welt*, "bicos-de-pena" no francês *Le Monde* e uma manchete no também francês *Tribune de L'économie* (jornal de crescente importância no meio empresarial francês), além de extensos e bem informados editoriais em toda a imprensa inglesa dita "de qualidade".

"Terminou. As longas semanas de sofrimento e de espera insuportáveis estão terminadas." Desta forma o correspondente do *Le Monde* iniciou seu longo despacho, um trabalho que, ao lado de um editorial intitulado "Fragilidades", dominou quase que metade da primeira página da respectada publicação. O mesmo tom de emoção contida, de respeitosa admiração pelo sofrimento popular e pela longa privação enfrentada pelo presidente morto, visitou as linhas enviadas por outros jornalistas batedores no Brasil.

"Eles sabiam bem, os brasileiros, que Tancredo Neves era um 'ideal', tanto que muitos entre eles recusaram, até o último momento, a idéia de sua morte. Havia as pessoas simples que vinham às portas do hospital rezar por sua saúde. Havia as pessoas ainda mais simples que diziam que a unidade espiritual do povo permitiria a cura de Tancredo", publicou *Le Monde*.

No corpo do jornal, toda a terceira página foi dominada pela dor e pelas dúvidas que afligem o Brasil. Nela se encontram, em termos informativos, os subsídios que formam uma opinião compartilhada por outros jornais.

"Resta agora que Tancredo não perca completamente seu encontro com a História. Sua longa agonia permitiu uma maturação dos espíritos e uma grande vigilância sobre o desenrolar do processo de democratização. O país da democracia brasileira está morto, mas todo o povo reclama sua herança para fazer viver a Nova República brasileira."

Para o também francês *Tribune de l'Economie*, os

brasileiros aceitarão com maior resistência eventuais medidas de rigor econômico depois da morte de Tancredo. O jornal destaca que, para muitos políticos da coalizão que sustenta o governo, Sarney não poderia encarnar a democracia por ser um "inimigo político". Mas a idéia de antecipar eleições diretas teria sido abandonada a fim de evitar justificativas para uma intervenção militar.

Para o *International Herald Tribune*, editado pelos norte-americanos Washington Post e New York Times, a falta de "substância política" de Sarney sugeriria um "mandato limitado", e eleições diretas já seriam previsíveis em 1986.

A edição européia do *Wall Street Journal*, por sua vez, dedica apenas vinte linhas ao Brasil, em três das quais apresenta sua opinião: "Sarney beneficia-se de amplo apoio mas suas estreitas ligações com os militares podem causar problemas".

Para o *Financial Times*, cuja precisa e constante cobertura de assuntos brasileiros não tem rival na Europa, o Brasil foi "privado de uma crucial força da moderação com a morte do presidente eleito (...) sua queda ao leito, na véspera da posse, é uma tragédia pessoal sem um paralelo na História moderna. Mais do que isso, porém, é uma incomensurável perda para o Brasil".

Tancredo, para o jornal inglês, não teria sido um não-presidente. Ele teria dado um exemplo de como procurar um consenso nacional. "Ele foi conciliador com os militares. Ele prometeu atacar a corrupção e dar mais atenção à parte pobre da sociedade."

José Sarney herda uma tarefa "extraordinariamente complexa e difícil". Não recebe junto, porém, "políticas definidas mas apenas vagas promessas e o manto de um homem que corre o risco de receber um status místico".

Lembrando que Sarney terá de ter firmeza para enfrentar desde greves de metalúrgicos até as negociações com o FMI, o *Financial Times* sugere que ele encontre apoio jogando com um mandato de apenas quatro anos. Mesmo assim, "é difícil ver o Brasil convivendo com o sr. Sarney por todo esse tempo, a menos que, contra todas as apostas, ele se mostre à altura da ocasião".

Na Alemanha, o conservador *Frankfurter Allgemeine Zeitung* abre um espaço de primeira página sob o título, em gótico: "Uma severa Perda", para os acontecimentos brasileiros. Lembra que, durante sua campanha, quando confrontado com a questão da idade, Tancredo Neves lembrou os serviços que o octogenário Konrad Adenauer prestara à Alemanha no pós-guerra. Para o jornal, Tancredo possuía "inegáveis autoridade e integridade... que faziam o povo acreditar em sua capacidade de lidar com os grandes problemas do país... Sarney, um homem do antigo regime, não tem a mesma imagem... Mas terá em torno dele um grupo de eficientes experts reunidos por Tancredo".

Para *Die Welt*, a perda de Tancredo traz as dificuldades de volta às suas verdadeiras proporções e acentua o delicado caráter de transição de um regime militar para uma democracia civil.

Em Londres, *The Times*, *The Guardian* e *The Daily Telegraph* preparam editoriais e destinaram bom espaço à cobertura enviada por seus correspondentes. Todos os trabalhos indicam, indistintamente, na mesma direção: conseguirá Sarney substituir um homem que todo um país imagina insubstituível?